O IMAGINÁRIO CAIÇARA: CONSERVAÇÃO DO SEU ESPAÇO E SUAS TRANSFORMAÇÕES ¹

Vladimir BERTAPELI ²

RESUMO

O imaginário caiçara paulista, assim como de outros povos tradicionais, tem a função de garantir a conservação do espaço em que essa população vive, além de desempenhar um papel na sociabilidade, na incorporação de valores e, logo, na preservação do seu mundo. Mas o chamado desenvolvimento econômico da região provocou significativas transformações em seu modo de vida. Por consequência, trouxe implicações no imaginário desse povo. Deste modo, o pescador-lavrador teve que se adaptar a nova situação que lhe foi imposta. Assim, o caiçara itanhaense não passou incólume por essas alterações. O objetivo deste trabalho é analisar como essas mudanças sociais têm afetado o imaginário dessa comunidade e verificar o que dele sobreviveu. A presente pesquisa foi realizada entre os meses de dezembro e janeiro de 2008, com pescadores que exercem suas atividades na Praia dos Pescadores, há mais de 40 anos, localizada em Itanhaém - SP.

Palavras-chave: Caiçaras. Imaginário. Conservação.

Introdução

É comum atribuir ao termo “*tradição*” a algo estável, que está desprovido de qualquer transformação. As populações tradicionais, por seu turno, são consideradas culturalmente incapazes de qualquer alteração, tendo o seu modo de vida cristalizado no tempo. Entretanto, recorrendo ao sentido etimológico da palavra, veremos que não se trata disso. O termo “*tradição*” vem do latim “*traditio*” e seu significado é entregar, isto é, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de uma geração a outra geração (BORNHEIM, 1987). Assim sendo, a “*tradição*” é dinâmica. Portanto, tendo isto em mente, os povos tradicionais não são destituídos de história.

Deste modo, o caiçara está entre os povos tradicionais que podemos destacar como exemplo desta constante transformação. Tal cultura, que abrange o espaço litorâneo dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, onde foi palco para o desenvolvimento de um modo de

¹ Pesquisa realizada sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mirian Cláudia Lourenção Simonetti. E-mail: mirian@marilia.unesp.br para a Bolsa BAAE.

² Graduando do 3º ano do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – (SP). E-mail: vladbertapeli@marilia.unesp.br

vida baseado na agricultura de subsistência e na pesca, é caracterizada como comunidades que, por não conhecerem a escrita, transmitiam os seus saberes através da oralidade; conheciam os ciclos naturais e dependiam deles para sobreviverem; viviam em pequenos aglomerados e possuíam técnicas como baixo impacto sobre a natureza (DIEGUES, 2004).

O termo *caiçara* tem origem na língua tupi-guarani (*caá-içara*), e era a maneira como os índios denominavam as estacas colocadas em torno das tabas; ou então era a forma pela qual eles chamavam o curral que faziam com galhos de árvores para a captura de peixes. Mais tarde, essa palavra passou a ser utilizada para denominar as comunidades tradicionais litorâneas das mencionadas regiões (DIEGUES, 1988).

Entretanto, embora tenham características semelhantes, essa cultura não pode ser considerada homogênea. Isto porque, de acordo com os recursos naturais disponíveis, algumas comunidades podem depender mais da agricultura do que da pesca; outras têm a pesca como principal atividade; e, por fim, há aquelas que mesclam ambas as atividades (ADAMS, 2000).

Mas esse modo de vida passou, na segunda metade do século XX, por significativas transformações. As causas que levaram a isto foram as mais variadas: a abertura de estradas; o turismo desordenado e a especulação imobiliária de grupos nacionais e internacionais; e, finalmente, a introdução do motor às canoas que, por consequência, fez que com alguns *caiçaras* passassem a explorar os ambientes costeiros além da barra (DIEGUES, 1988).

Não tendo mais onde plantar – pois foram expulsos de suas terras – morando longe de suas praias e utilizando canoas motorizadas, muitos deles passaram então a se dedicarem cada vez mais, em detrimento da lavoura, à atividade pesqueira. Assim, os pescadores artesanais de São Paulo surgiram a partir das mudanças pelas quais passaram os *caiçaras* entre as décadas de 1930-1950 (ADAMS, 2000).

Pode-se ainda afirmar que, pelo fato de ter ampliado o seu contato com o mar, o pescador artesanal tem orgulho em conhecer e dominar o que ele chama de “mar de fora” (MOURÃO, 1971).

Assim, tendo consciência destes acontecimentos, podemos considerar que o *caiçara* de Itanhaém não passou ileso por essas transformações. Mas antes de falarmos sobre essas modificações culturais, temos que apontar que o *caiçara* dessa cidade era mais lavrador do que pescador. Pois as condições naturais do local favoreceram tal característica. E de acordo com Araújo Filho (1948), a configuração espacial desta parte do litoral paulista – com serras

afastadas; a presença de grandes planícies sedimentares; a existência de praias retilíneas, mais extensas; e um mar aberto de águas turvas e com uma arrebentação constante – e também podemos acrescentar aqui a carência de meios tecnológicos (canoas motorizadas), possibilitaram uma vida mais voltada à terra do que para o mar.

O caiçara itanhaense, apesar da pobreza do solo arenoso e o predomínio de amplos rios de planície, fartamente piscosos e mais fáceis de lidar, dominaram a agricultura de subsistência e a pesca de rio (BRANCO, 2005). Pode-se considerar que essa população era, portanto, devido ao isolamento econômico, auto-suficiente.

O plantio, a coleta, a criação, a pesca e a caça, quase o eliminavam do mercado a procura de gêneros alimentícios. (...) Estes (o caiçara) na medida obtinham meios de troca com a venda de peixes, palmitos e utensílios domésticos ou com a prestação de diferentes serviços, adquiriam além do sal, pano e aguardente, algum gênero como feijão, arroz, farinha e açúcar. (SIMÃO; GOLDMAN, 1958, p.34).

Contudo, em relação à pesca na costa, segundo Simão e Goldman (1958), há registros de que, desde o Século XIX, nas chamadas “temporadas de pesca” – aqui estes autores, certamente, referem-se à pesca da tainha que ocorre no inverno. Segundo Diegues (1988), tal pesca desempenhou em todas as comunidades caiçaras um importante papel. Durante esse período, a comunidade era chamada a participar da puxada de rede na praia. No caso de Itanhaém, as grandes pescarias eram praticadas apenas por posseiros e pequenos sítiantes que moravam próximo à orla marítima e que tinham algum conhecimento do mar (SIMÃO; GOLDMAN, 1958), o excedente do pescado era salgado e remetido para Santos. Mas com a abertura da Estrada de Ferro Santos-Juquiá, que diminuiu a distância entre essas cidades, tornou possível o envio de peixe fresco ao mercado santista. Já os pescadores da Praia dos Pescadores e da Praia do Meio (hoje Praia dos Sonhos), por sua vez, preferiam vender o pescado no próprio local. Isto porque eles faturavam mais ao vender diretamente aos turistas do que o mandar ao município santista (SCHMIDT, 1948).

Neste momento, com a abertura dessa ferrovia – a Estrada de Ferro Santos-Juquiá foi construída em 1915 pela Companhia Inglesa Southern São Paulo Railway e, em meados de 1928, passara a pertencer à Estrada de Ferro Sorocabana –, além de favorecer a pesca, proporcionou um maior fluxo de pessoas para Itanhaém e as demais cidades do litoral paulista e Vale do Ribeira. Daí em diante, tem início às transformações culturais do caiçara itanhaense.

A Ferrovia trouxe consigo outros fatores determinantes para tais mudanças: o turismo e as imobiliárias. Serviços estes ainda beneficiados, mais tarde, com a construção da Ponte Pênsil, que liga São Vicente as demais cidades da Baixada Santista e Litoral Sul, e a construção das rodovias estaduais e da Ponte do Mar Pequeno.

A intensificação do turismo deu impulso à criação de um mercado imobiliário na região. Como afirma Simão e Goldman (1958), esse mercado vinha acontecendo desde o começo da década de 1920 e fora alargado durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes. Ainda segundo estes autores, todas as praias, de São Vicente a Itanhaém, estavam loteadas em mãos de companhias imobiliárias ou proprietários individuais.

A Estrada de Ferro também favoreceu o aumento demográfico e a inversão do número de habitantes urbanos sobre os rurais que, em 1940, representavam 83,6% e, em 1950, apenas 36,6% da população rural de Itanhaém.

Essa população, que fora expropriada de suas terras e impedida de desenvolver atividades como a agricultura – cabe destacar aqui que a bananicultura, introduzida às margens do rio Branco, em meados de 1927, teve um preponderante papel para essas mudanças; pois, com a crise cafeeira de 1930, muitos cafeicultores abandonaram tal cultura para se dedicarem ao cultivo desse fruto, iniciando então uma corrida para as terras itanhaenses (SIMÃO; GOLDMAN, 1958) – e o extrativismo, vendeu suas propriedades e rumou para São Paulo, ou passou a se dedicar à pesca artesanal e as atividades urbanas (pedreiros, caseiros, motoristas, garçons, etc.), inserindo, por conseguinte, ao modo de produção capitalista.

Atualmente, segundo os dados da Colônia de pescadores Z-13, há na cidade de Itanhaém 850 pescadores artesanais em atividade, sendo que 69 destes a exercem na Praia dos Pescadores.

Em relação à frota pesqueira da Praia dos Pescadores, encontramos 23 canoas, medindo entre 7 e 10 metros de comprimento, feitas de madeira ou fibra e equipadas com motor de centro de 8 a 24 HP. O principal artefato de pesca utilizado são as redes fixas de emalhe de fundo (também denominadas como redes-de-espera), a rede-de-caceio e rede-de-lance. Há também outros tipos de redes empregadas em menor proporção pelos pescadores dessa praia: a linhada, o espinhel, a rede estaqueada, o malhão, a pargueira e a feiticera. A distância que essas embarcações percorrem varia entre dois e doze milhas náuticas da costa.

O imaginário caiçara

O universo tradicional está repleto de histórias e seres extraordinários que desempenham um importante papel na sociabilidade dos indivíduos, na incorporação de valores do grupo o qual pertencem e, por fim, na preservação do espaço natural onde estão imersos (WALDECK, 2001). Em suma, esse modo de apreensão da realidade resulta de uma percepção sensível ou qualitativa do lugar em que habitam. Para essas comunidades, há um entrosamento com categorias da existência material e espiritual (WALDMAN, 2006).

Entre os pescadores tofinu, do Benin, por exemplo, há a crença de que certos recantos da lagoa Nokoné (ou Nokoue) era o lugar de repouso da deusa Anasi Gbégu. Pesquisas realizadas posteriormente naquela região demonstraram que o espaço reservado a essa entidade era, na verdade, uma área de reprodução dos peixes que seriam posteriormente capturados em outros cantos da lagoa (DIEGUES, 1994). Os zulus, por sua vez, acreditavam que certos dias eram “sombrios e escuros” e que por isto deveriam se abster de trabalhar, de fazer visitas ou tomar decisões importantes (WALDMAN, 2006).

Encontramos também estes aspectos – de religiosidade, sociabilidade e de preservação – nas histórias contadas pelos caiçaras do litoral de São Paulo. Algumas delas têm cunho religioso, como a lenda do “*Bom Jesus da Cana Verde*”, Iguape, ou a lenda do “*Caixão de Luzes Navegante*”, em Bertioga (BRANCO, 2005). Outras, de origem indígena, contam histórias de “*Sacis*” e “*Curupiras*” como seres protetores das florestas. Há também narrativas, como aquelas verificadas em Itanhaém, litoral de São Paulo, sobre embarcações fantasmas que atacam os pescadores que desrespeitam o mar.

As nove histórias apresentadas a seguir, sendo as 7 primeiras de cunho popular, enquanto as 2 últimas são, respectivamente, de autoria do pintor Emygdio de Souza e do cronista José Rosendo, ambos nascidos em Itanhaém e conhecedores da cultura caiçara, são exemplos desse mundo fantástico que tem como objetivo explicar o seu lugar. Seguem-se, então, as histórias:

As Bolas de Fogo Pulantes

Uma lenda muito antiga da região de Itanhaém conta que em algumas noites escuras, na Praia de Peruíbe (hoje Praia do Cibratel), onde vivia uma comunidade chamada Camboriú, apareciam bolas de fogo, de repente

a cada 15 metros, que saltavam na areia da praia durante um tempo e depois desapareciam. Os pescadores que ali viviam não as temiam ‘porque elas não faziam mal a ninguém’ (BRANCO, 2005).

Os Cavalos que se Trombavam

Na então deserta Praia de Peruíbe, onde hoje existe o Hotel Cibratel, em algumas noites do ano, surgiam dois cavalos, sendo um em cada extremo, e corriam para se trombarem. Na hora da violenta batida, saía fogo, o que assustava os caiçaras que ali residiam. Depois eles iam embora, não fazendo mal a ninguém” (SÓ, 1995, p. 89).

A Rainha do Mar

Há muitos anos atrás, cerca de 40 anos, eu e mais dois companheiros saímos à tarde da boca do Rio Itanhaém para pescar em alto-mar. A tarde estava linda, o mar apresentava-se calmo, e as nuvens demonstravam um tempo bom naquele princípio de noite. Remamos mais ou menos umas duas léguas da praia, e me lembro bem, apareceu para nós, sobre a água, a Rainha do Mar, dizendo-nos para irmos embora porque naquele dia ”não haveria peixe”. Recordo com clareza que era uma mulher linda, trajando uma longa túnica branca e tinha os cabelos negros, lisos e compridos. Depois da mensagem, ela desapareceu. Ficamos meio assustados, mas depois sentimos uma grande coragem e remamos de volta para a praia, sem iniciar a nossa pescaria. Ao entrarmos no Rio Itanhaém, desabou um tremendo chuva, com fortes ventos vindo do mar, porém ficamos em total segurança à beira do rio. Até hoje, chego a pensar que aquela visão salvou nossas vidas da morte certa” (SÓ, 1995, p.91).

O Curupira

“O Curupira é o deus que protege as florestas. As tradições representam-no como um pequeno índio, com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções saírem. Uma carta do Padre Anchieta, de 1560, dizia: ‘Aqui há certos demônios a que os índios chamam Curupira, que os atacam muitas vezes no mato, dando-lhes açoites e ferindo-os bastante’” (PMI, 2001).

A luz que Acompanhava as Pessoas

“Diziam os antigos que, em determinados dias do ano, uma luz acompanhava os pescadores da praia e os seguiam sem cessar. A única forma de a luz parar a perseguição era a pessoa seguir a trilha das ruínas (as ruínas do Abarêbebê, localizada no município de Peruíbe, que antes pertencia a Itanhaém), subir a ladeira e passar por dentro da antiga igreja, porque ali a luz sumia” (Só, 1995:89).

O Cavalo com Dois Traseiros

“Esta estória aconteceu comigo, ante de 1950, aqui em Itanhaém. Eu vinha voltando da plantação de banana, lá pelas bandas do Rio Preto, já no começo da noite. Vinha pela trilha do mato, até chegar ao meu barraco, que ficava mais ou menos uns três quilômetros dali. Quando caminhava, fumando meu cigarro de palha, vi ao longe, vindo em disparada na minha direção, um animal parecido com um cavalo, o que me assustou muito. Tentei correr, mas decidi ficar ali mesmo, subindo num pequeno barranco ao lado da trilha, na esperança que aquele bicho tomasse outra direção. Mas não, ele vinha mesmo era pra cima de mim. Quando se aproximou bastante, fiquei todo arrepiado, que nem me passou pela cabeça pedir ajuda para algum santo. Por minha sorte, aquele animal passou pela trilha, encostado de mim, e continuou sua disparada pelo mato adentro, até sumir de vista... Depois daquele susto, corri feito um louco para o meu barrado, e contei o que acabara de ver para minha mulher: era um animal com a metade de trás parecida com um cavalo, com rabo e tudo, e a metade da frente era igual a de trás, ou seja, também com a traseira parecida com a de um cavalo com outro rabo completo. Conteí esta estória para meus amigos, riram de mim, chamando-me de mentiroso, porém, a partir daquele dia, nenhum peão quis voltar mais sozinho do bananal até às suas casas “ (SÓ, 1995:90-91).

O Milagre

Emigdio de Souza

“José Manoel dos Santos, ou José Piango, morava no bairro Caquerossú, na Praia de Peruhybe. Em virtude de moléstia em família, José Piango pediu uma graça ao Divino Espírito Santo, prometendo dar um pouso à respectiva bandeira quando esta saísse a esmolar pelo município. Chegou o mês de agosto e a folia, como de costume, saiu a esmolar. O quadro era desfavorável: mar grosso e tempo chuvoso, de sorte que se tornou impossível arranjar peixe ou caça para a ceia dos foliões e seu numeroso acampamento. Na véspera da chegada da bandeira no bairro, seu José muito triste, chamou sua velha esposa a fim de, entre ambos, ficar combinado o meio de não ficarem envergonhados por falta de mantimentos. - Olhai José – falou tia Maria – lá no aceiro de nossa roça está um cacho de banana da terra que deve estar em ponto de ser cortado. Ide lá pela madrugada, corte-o e as crianças o levarão à Vila para vendê-lo e com o dinheiro comprar alguma carnezinha para atrapalhar a janta...

- Boa lembrança, vou fazer isso mesmo. No dia seguinte, quando os galos estavam miudando, seu José seguiu o seu caminho de foice ao ombro. Ainda estava com o escuro no aceiro, onde estacou, estupefato, deparando com um vulto negro que logo reconheceu ser uma enorme anta. Junto ao animal jazia o cacho de bananas, já bastante devorado. - Ah, diabo! – exclamou seu José – logo hoje que não carrego meu trabuco. O

terral era forte, de maneira que com o barulho que este causava entre as árvores, a anta não sentiu a aproximação de seu José. Este, armado de coragem, aproximou-se com todo cuidado e, em dado momento, descarregou sobre o dorso do animal um golpe certo com a sua foice, fazendo-o tombar mortamente ferido. Outros golpes e a caçada estava feita. Ao chegar em casa, seu José deparou no terreiro com sua mulher e os dois filhinhos que preparavam um carro de mão par conduzir as bananas à Vila. - Deixa isso aí mulher – falou-lhes – e correi à casa dos vizinhos chama-los, a fim de irmos buscar uma anta que matei na roça! Pouco tempo depois, ao reunirem-se todos a fim de fazerem a condução do animal, seu José, dirigindo-se aos vizinhos, falou: - Estão vendo, gente? E digam que não foi milagre do Espírito Santo?!” (SOUZA, 1918, apud: BRANCO, 2005).

Crendices e Sortilégios de “Nhá Veva”

José Rosendo

“Siá Maria Genoveva, carinhosamente chamada de “Nhá Veva”, era mulher de grande valia (“de truz” no dizer dos avoengos). Trabalhadeira incansável, forte e destemida, era fiel e dedicada companheira de Damião Ferreira, homem de caráter, respeitado pelos afazeres de “jornaleiro” que exercia com dignidade e honradez, cumprindo as diversificadas missões que lhes eram confiadas. Não enjeitava serviço: carpia e encoirava roças; construía ranchos; cortava taquara, tecia esteiras e “mergulhava” cercos; fazia canoas, remos, rodas de ralação e de carros, pilões, e ainda encontrava tempo para “tirar” modas de viola nos fandangos e “bate-pés” de mutirões “pussuvos”! O casal tinha sete filhos: seis meninas (Sinharinha, Lica, Bela, Ritinha, Cida e Zefa) e um único varão, o caçula Heliodoro, o peralvilho “Dórico Peguassu”! A família toda era nascida na Vila da Conceição, assim como avós e bisavós, oriundos da mistura de índios, portugueses e africanos. Uma ou duas vezes por semana, enquanto as meninas cuidavam da casa e “Seu” Damião trabalhava em algum sítio das redondezas, “Nhá Veva” e “Dórico” iam lenhar para abastecer a cozinha e o forno da “casa de farinha”. Para o menino eram momentos especiais de aprendizado, pois sua mãe conhecia como ninguém a flora e a fauna locais. Pelo cântico e colorido da plumagem identificava os pássaros. As árvores e as flores lhe eram familiares, pois desde criança acostumara-se a cultivá-las. Saindo da Vila pelo “Caminho do Telégrafo” passaram pelo cemitério e chegaram a uma rampa íngreme, que o povo chamava de “Caritéu”, onde a lenha era abundante. “Nhá Veva”, experiente, indicava as madeiras mais adequadas, leves e de “boa queimação”: caúna, tabuvaca, jacatirão, arará-do-brejo, nhomirim, cambuí e canela-branca. “Coião de porco” era madeira imprestável, pois só fazia fumaceira que causava ardência nos olhos! Para cortar a madeira “Dórico” usava um podão e sua mãe uma foice. “Nhá Veva” preparava um substancioso feixe de lenha, amarrado com cipó de “timboropeva”, que carregava nos ombros – um amarrado de varas. Certo dia, na volta da “lenheira”, encontraram

no caminho uma cobra coral preparada para o bote. “Dorico” não titubeou: matou a paulada a perigosa serpente. Após alguns momentos da caminhada “Nhá Veva” lembrou que aquele dia era uma sexta-feira e contou ao filho uma lenda trazida da África por sua avó materna, uma angola-congo: “Um homem que matasse uma cobra três sextas-feiras seguidas seria protegido pelas entidades superiores e feliz pelos tempos afora”! Na semana seguinte “Seu Damião” levou o filho para uma pescaria de robalos na ponta do Itaquanduva. A isca para corricar robalos eram pequenos tamborês, caçados vivos nas lagoinhas formadas entre as pedras. Na busca da isca, “Dorico” se deparou com uma cobra-d’água que serpenteava, graciosa, pelo relvado. As crianças, desde cedo, aprendiam a distinguir cobras venenosas e cobras mansas, razão pelo qual jamais matavam cobras-d’água. “Dorico”, alertado pelo pai que era sexta-feira, não teve dúvida, sacrificou o inocente ofídio! A partir daí, “Dorico” ficou atento. Na sexta-feira seguinte levantou bem cedo e foi para o mato disposto a matar a terceira cobra, para cumprir o vaticínio estabelecido pela mitologia bantu. Munido de seu inseparável bodoque e de um porrete de cambuí, foi “visitar” suas armadilhas de caça pelos lados da Água Vermelha e do Saguava; revirou tocas e valados e nada de cobras! Desistindo da empreitada e de volta para casa, passando debaixo de um ingazeiro, percebeu os galhos balançando violentamente. Assustado, afastou-se e viu a cobra! Enrodilhada os galhos e pronta para o “vão” estava uma enorme caninana! Devia medir mais de cinco metros, com o pescoço inchado e bufando ruidosamente! Numa fração de segundo “Dorico” percebeu o perigo que estava correndo pois, segundo os velhos caçadores, a cobra caninana, apesar de não-venenosa, “voava” em cima das pessoas e as estrangulava! Desistindo do ambicioso projeto das cobras das sextas-feiras, saiu em desabalada carreira, aos trancos e barrancos, fugindo daquela monstruosidade. Mais tarde soube que aquela caninana “morava naquele capão de mato, era dócil, e nunca fizera mal a ninguém”. O episódio demonstrou a “Dorico” que a ambição desmedida ‘não leva a porto seguro!’ (ROSENDO, s/d, apud: BRANCO, 2005).

O atual imaginário caiçara

As histórias e lendas a seguir foram narradas por 3 pescadores artesanais que vivem da pesca há mais de 40 anos. Estes, temendo que fossem motivo de piada por parte de seus colegas, não quiseram que suas identidades fossem reveladas.

O Saci

“Você sabe que o Saci é um moleque, né? E como toda criança ele gosta de brincar na rua junto com ameninada. Então, no meu tempo de moleque, quando eu morava no Bairro do Poço (hoje este bairro é

conhecido por Belas Artes), *me lembro que quando a gente brincava na rua, de noite, quando tinha lua cheia no céu, o saci vinha brincar com a gente. Mas a gente não vê ele não. A gente sentia a presença dele. Sabia que ele tava com a gente... Brincando, né!? Hoje, a gente não vê mais essas coisas não. Têm muita gente, né?!*” (M. G.).

O Fantasma do Padre da Ilha do Bairro do Rio Acima

“Lá na Ilha, o meu avô contava em certas noites, lá pela meia-noite, um padre aparecia pras pessoas que tivesse de passage por lá. Mas não era pra qualquer um não que ele aparecia. Dizia ele que o tal padre pedia pra pessoa desenterrar o tesouro que ele tinha enterrado quando ele tava vivo” (M.).

A Embarcação Fantasma

“Olha, eu nunca vi, mas ouvi falá que aparece uma embarcação fantasma nas noites que não tem lua. Dizem que não se vê ninguém a bordo. Ela aparece do nada e vai pra cima do barco do infeliz. Mas ela só aparece pra pescador que não respeita o mar” (R..).

Os Fantasmas de M.

“Sabe, eu já fui salva-vidas aqui na Prainha (Praia dos Pescadores). Salvei muita gente de morrer afogado. Mas também já tirei muita gente morta do mar. (...) Então, teve uma vez que tava sentado naquelas pedra lá em baixo, era final de tarde, então, quando voltei pras barracas, o pessoal que tava aqui me perguntaram quem era as pessoas que tavam do meu lado lá nas pedras? Eu disse, então, que tava sozinho. Todos então ficaram assustados e falaram que tinham visto umas pessoas do meu lado enquanto eu tava lá nas pedras. Olha, eu tenho que pra mim que o que eles viram foi espíritos de gente que morreu nesse mar e que eu tirei quando era moço” (M.G.).

Conclusão

Como acabamos de observar, as histórias contadas pelos caiçaras, tanto as antigas como as atuais, possuem aqueles elementos explicativos citados anteriormente: a transmissão de seus valores à nova geração por meio da oralidade; a explicação metafísica de fatos que lhes fogem a compreensão e aquelas que têm por orientação a manutenção do espaço natural.

Os elementos metafísicos nas histórias como, por exemplo, *“As Bolas de Fogo Pulantes”* e *“Os Cavalos que se Trombavam”*, são semelhantes às lendas da Juréia sobre os

“*Tucanos de Ouro*” e às que falam da “*Mãe de Ouro*”, de Ilha Bela e São Sebastião. Alguns caiçaras da Praia dos Pescadores, ao serem questionados sobre a ciência que têm destas duas histórias, afirmaram que já ouviram falar delas e explicaram também que o significado de eventos como estes, que envolvem fogo e explosões, é de que há tesouro enterrado no local. Afirmaram também que os espíritos ou criaturas fantásticas surgem apenas para algumas pessoas predestinadas a encontrarem o tesouro. Segundo algumas histórias levantadas por José Carlos Só (1995), durante o Período Colonial, jesuítas e piratas enterraram moedas e objetos de ouro na então Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém.

Ainda sobre histórias de tesouros escondidos, mas que não envolvem elementos como fogos e explosões, temos “*A lenda do Padre Fantasma*”, conhecida pelos moradores da Ilha do Bairro do Rio Acima, localizada em Itanhaém.

No conto “*O Milagre*”, é marcante a religiosidade na vida cotidiana do caiçara. O autor, Emygdio de Souza, pintor e escritor itanhaense, caiçara de origem, nos seus “*Contos da roça*”, demonstra aqui os elementos que, semelhante ao caipira, norteiam o homem litorâneo: a esperteza, a coragem e a crença que o divino lhe vai assegurar vitória. “*A luz que Acompanhava as Pessoas*” é outra história que, além de possuir o elemento religioso, possui também o fator metafísico.

A respeito das histórias e lendas que têm a função de proteger o espaço natural, certamente, temos as lendas de origem indígena, como “*O Saci*” e “*O Curupira*”, e as lendas e histórias mais novas como “*A Rainha do Mar*”, “*A Embarcação Fantasma*” e “*Crendices e Sortilégios de Nhá Veva*”. No caso da lenda do Saci, tão difundida na cultura brasileira, é curiosa a versão feita por um dos pescadores entrevistados. Segundo ele, ninguém podia ver o saci, mas podia sentir a sua presença.

Atentamos também para o caso de que são poucas as narrativas que tenham o mar como protagonista ou palco de algum determinado evento fantástico. Histórias como a “*A Rainha do Mar*”, “*A Embarcação Fantasma*” e “*A luz que Acompanhava as Pessoas*” são as únicas em que o mar aparece. Talvez isso possa ser explicação pelo fato de que a familiaridade daqueles pescadores com o mar só ocorreu na década de 1950, quando as primeiras canoas motorizadas apareceram.

Deste modo, concluímos que o ambiente em que vive e transita o caiçara da Praia dos Pescadores ainda está carregado de elementos simbólicos mágicos e fantásticos e que possuem

determinadas virtudes e afetividades que lhes são característicos, portanto, intransferíveis. Para o caiçara, assim como para qualquer povo tradicional, o lugar não é inerte, laico ou livre de emoções. Como declara Waldman (2006), as comunidades tradicionais possuem uma complexa visão de mundo e que é formada por princípios metafísicos e epistemológicos.

Referências

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 1, n. 43, p. 1-19, 2000.

ARAÚJO FILHO, J. R. O caiçara na região de Itanhaém. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 2, p. 7-18, 1948.

BORNHEIM, Gerd. *O Conceito de tradição*. In: *Tradição-contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BRANCO, Alice. *Cultura Caiçara - resgate de um povo*. Peruíbe: Etecê, 2005.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Pesca e marginalização no litoral paulista. 1973. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, São Paulo, 1973.

_____. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. In: CONFERÊNCIA DA UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS, 4, São José-Costa Rica, 1988. *Anais...* São José, 1988.

_____. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1994.

_____. *Ecologia humana e planejamento costeiro*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. A interdisciplinaridade nos estudos do mar: o papel das ciências sociais. In: SEMANA DE OCEANOGRAFIA DA USP, 15, São Paulo, 2003. *Anais...*, São Paulo, 2003.

_____. (Org.). *Enciclopédia Caiçara: o olhar do pesquisador*. São Paulo: HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004. v.1.

MOURÃO, Fernando. Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo. 1971. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, São Paulo, 1971.

SCHMIDT, Carlos Borges. *Alguns aspectos da pesca no litoral paulista*, Diretoria de Publicidade Agrícola – Secretaria da Agricultura de São Paulo, São Paulo, s/n: p. 18-19, 1948.

SIMÃO, Azis; GOLDMAN Frank. Itanhaém: estudos sobre o desenvolvimento econômico e social de uma comunidade litorânea. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 226, p. 5-84, 1958.

SÓ, José Carlos. *Itanhaém: histórias & estórias*. Itanhaém: S.E., 1995.

WALDMAN, Maurício. *Meio ambiente & antropologia*. São Paulo: Senac, 2006.

Recebido em 13/04/2009

Reformulado em 28/04/2009